



O rompimento do código moral em *A Season In The Life Of Emmanuel*, de Marie-Claire Blais


The breaking of the moral code in A Season in the Life of Emmanuel, by Marie-Claire Blais


[10.29073/naus.v7i2.962](https://doi.org/10.29073/naus.v7i2.962)

Recebido: 1 de dezembro de 2024.

Aprovado: 10 de janeiro de 2025.

Publicado: 19 de março de 2025.

Autor/a 1: Larissa Farias , Universidade Estadual da Paraíba, Brazil, larissafarias181@gmail.com.

Autor/a 2: Sueli Liebig , Universidade Estadual da Paraíba, Brazil, suelimeiraliebig@gmail.com.

Resumo

Este trabalho visa investigar a personagem Héloïse do romance *A Season in the Life of Emmanuel* (1965) da franco-canadense Marie-Claire Blais, na perspectiva de estudos de gênero. Dessa forma, o romance atua como um convite ao debate sobre a sexualidade feminina e os preceitos religiosos que reforçavam a atribuição e manutenção de identidades preestabelecidas para cada indivíduo. Com isso, objetiva-se traçar um olhar crítico sobre tais predeterminismos sociais impostos à mulher em uma sociedade marcada pelo discurso patriarcal. Como metodologia, fez-se uma pesquisa bibliográfica, utilizando estudos que abordam as questões de condição e da sexualidade feminina. Percebe-se ao final que o estudo de gênero por meio da Literatura incide na reavaliação do quadro social das mulheres canadenses e na apreensão das transformações e alterações de conceitos perpetuados na vida contemporânea.

Palavras-Chave: Condição Social da Mulher; Literatura Canadense; Marie-Claire Blais; Sexualidade Feminina.

Abstract

This work aims to investigate the character Héloïse from the novel *A Season in the Life of Emmanuel* (1965) by French-Canadian Marie-Claire Blais, from the perspective of gender studies. In this way, the novel acts as an invitation to debate female sexuality and the religious precepts that reinforced the attribution and maintenance of pre-established identities for each individual. Thus, the aim is to take a critical look at such social predeterminisms imposed on women in a society marked by patriarchal discourse. As a methodology, a bibliographical research was carried out, using studies that address the issues of female condition and sexuality. In the end, it is clear that the study of gender through Literature focuses on the reevaluation of the social framework of Canadian women and on the apprehension of the transformations and changes in concepts perpetuated in contemporary life.

Keywords: Canadian Literature; Female Sexuality; Marie-Claire Blais; Social Condition of Women.

1. Introdução

Marie-Claire Blais escreveu mais de vinte romances, cinco peças e coleções de poesias publicadas no Canadá e na França, a maioria das quais traduzidas para o inglês e outras línguas. Seu romance *A Season in the Life of Emmanuel*¹ (1965), ganhou o Prêmio França-Québec e o Prêmio Médicis, além de chamar atenção da indústria cinematográfica, resultando na adaptação da narrativa para um longa-metragem em 1973. Em sua obra, a autora

¹ Obra publicada em francês como *Une Saison dans la vie d'Emmanuel*, em 1965, com sua publicação em inglês no ano seguinte, 1966, como *A Season in the Life of Emmanuel*, título aqui traduzido livremente por esta autora como "Uma estação na vida de Emmanuel". A leitura feita foi da sua edição de 1992, em língua inglesa, com a tradução do francês de Derek Colman.



nos apresenta sujeitos em situação que enfrentam as adversidades sociais com a esperança do florescer de uma sociedade mais justa.

Em *A Season in the Life of Emmanuel*, Héloïse é uma jovem solteira da classe operária, que mora em uma casa dividida entre ela, a avó, os seus pais e seus irmãos. A condição da família é de miséria, tendo os familiares que dividir minuciosamente sobras de comida para que todos se alimentem, principalmente as crianças, situação agravada no inverno quando elas não possuem agasalhos adequadas para suportar o intenso frio canadense. Nem lugar próprio para dormir eles têm, compartilhando as bordas da cama para que todos consigam um espaço para passar a noite.

Héloïse confina-se em seu quarto infestado de ratos enquanto sua mãe trabalha fora para contribuir com o sustento financeiro da família. Ela assume a função de reprodutora e cuidadora daquela condição social: concebe dezasseis filhos, que serão futuros consumidores e trabalhadores, ao mesmo tempo em que exerce atividades laborais na esfera pública, tornando-se duplamente explorada pela engrenagem social. Chega em casa tão exausta que nem percebe a presença da jovem ou de seus outros filhos, como Emmanuel, ainda bebê. O fardo é tão pesado que já não há mais diálogo entre eles, apenas o silêncio entre ela e a família.

2. O Discurso Patriarcal e a Instituição Religiosa na Vida de Héloïse

Héloïse acaba indo para um convento, pois sair de casa significa para a família uma diminuição na despesa. Assim, aquele ambiente sacro se torna o seu novo lar, conduzindo-a pelo caminho da fé e mostrando-lhe sua missão enquanto mulher. A pureza, o recato e a obediência são aspectos esperados da jovem, como o exemplo deixado pela Virgem Maria, pois só ao homem confere-se o papel de líder e condutor da vida eclesial. Assim, verifica-se que as religiões desempenham um papel importante na manutenção da ordem gendrada, em que as divisões entre o universo feminino e masculino são bem definidas, a fim de que a sociedade funcione conforme os interesses do poder.

De fato, a educação das mulheres se inicia desde a infância, tornando condenável qualquer conduta que infrinja os preceitos morais. Assim, a unidade familiar é colocada como primordial nesse processo, pois é nela que as percepções e os comportamentos são moldados para que os indivíduos contribuam positivamente para a sociedade (Parsons, 1955). O convento acaba por ser parte de mais uma instituição que forma as mulheres para uma vida de submissão e repreensões, levando as jovens a seguir o destino social a elas designado.

Durante a narrativa o irmão da jovem, Jean Le Maigre, em conversa com Number Seven, afirma: “Oh, essas pessoas virtuosas, elas me deixam doente! Mas você e eu não conseguimos entender essas coisas...”² (Blais, 1992, p. 29). Jean não entende a razão de sua irmã ir buscar uma vida santa e questiona as normas sociais vigentes. Ele e Number Seven não são aprisionados, nem em casa e nem na igreja; a sua educação fora dada de forma diferente, pureza e recato não faziam parte das expectativas do indivíduo masculino, mas da exploração do corpo e do mundo feminino (Nolasco, 1993).

Nessa divisão binária, aquele que apresentasse um comportamento desviante ameaçava a honra familiar e colocava em risco a ordem social, devendo então ser punido. Héloïse está entre esses indivíduos que não aguentam carregar o peso das barreiras que os limitam. A jovem, como seus irmãos, deseja explorar o seu corpo, sua sexualidade, assim como os espaços públicos e não apenas os de confinamento, como os âmbitos doméstico e religioso.

No convento, Héloïse está presa à reza como se tivesse caído em uma armadilha. Ela vai frequentemente ao confessionário para pedir perdão pelos seus pecados, mas o que encontra é mais uma tentação, uma vez que sente atração pelo padre. Nem a troca de sacerdotes impede a jovem de cometer a transgressão religiosa: o seu envolvimento sexual com os homens não será interrompido através da reza e muito menos pelas paredes do

² “Oh, these virtuous people, they make me sick! But you and me, we can’t understand such things...”



convento. Apesar de ser mulher e enclausurada em um *lócus* religioso, ela não demonstra as tão esperadas qualidades de passividade e pureza.

Dentro de tais circunstâncias, Héloïse é acusada de histeria e expulsa do lugar, pois as mulheres cuja sexualidade não tinham freios eram vistas como perigosas para a manutenção da ordem e da moral. Segundo Michelle Perrot (2007, p. 66): “histérica é a mulher doente de seu sexo, sujeita a furores uterinos que a tornam quase louca”. Nesse contexto em particular, a histeria é entendida como uma questão própria das mulheres, ligada à insatisfação sexual ou ao desejo de procriar, tornando-a nervosa. Como maneira de curar esse mal, muitas vezes, o matrimônio e a maternidade eram colocados como prescrição para tratar a então suposta “doença de mulher”.

Vejamos no trecho que se segue, em que a sua avó tenta abafar tal escândalo, ignorando a acusação de comportamento desviante da neta:

[...] Héloïse voltou para casa com uma carta da Madre Superiora. A carta falava de nervos, exaustão e ataques de histeria, a avó Antoinette disse que a caligrafia das freiras era sempre ilegível, e destruiu a carta. Héloïse subiu para seu quarto e não desceu mais para comer naquela noite, ou em qualquer outra noite.³ (Blais, 1992, p. 31)

A vida de Héloïse fica cada vez mais sufocante, peregrinando entre restrições e punições. Está sendo vigiada por Deus e pela sociedade, devendo, aparentemente, sustentar uma conduta irrepreensível, mas é levada a cometer desvios ocultos que só provocam o crescimento do seu sentimento de culpa e ansiedade. Essas tensões se tornam tão intensas que ela mesma se penitencia. Como mulher, não deve vivenciar a sua sexualidade por prazer, pois seu corpo é visto com algo que possui uma única função: a reprodução. Esta está encarregada de cumprir apenas seu papel biológico, uma vez que é vista como um ser incapaz e sensível demais para lidar com assuntos alheios à maternidade; momentos de intimidade são permitidos somente após o casamento e, mesmo assim, o homem é o detentor do desejo e do gozo.

Ora, se o sacerdote cede ao pecado da luxúria, a culpa é inferida apenas a Héloïse, a face da própria Eva, tentação inicial de Adão no Paraíso. Nessa direção, a mulher é a representação do mundo carnal. O fato de ser tentadora e libidinosa é entendido como a sua natureza. O homem, por sua vez, é visto como a parte espiritual no pensamento cristão, aquele que é racional e, por isso, predestinado a governar a mulher. A ele é conferido o poder, são os líderes da Igreja e do Estado, confirmando a posição do masculino na sociedade, aquele que é ativo na esfera social e no relacionamento com o seu sexo oposto (Toledo, 2003).

O discurso patriarcal, reforçado pela crença religiosa, controla o indivíduo e lhe tira a liberdade de fazer escolhas sem duros julgamentos e/ou exclusões sociais. Deus e o Homem se confundem numa só voz, conforme os interesses daquele que detêm o poder. Essa asfixia social, por assim dizer, aprisiona o subordinado, que se inquieta diante da situação de repressão, como observamos no seguinte trecho: “Héloïse falava com uma voz enfraquecida pelo jejum: às vezes ela murmurava, Meu Deus, Meu Deus, como se estivesse prestes a sufocar, e sua avó, à distância, respondia A-homens, A-homens!⁴ E de repente houve um momento de silêncio.”⁵ (Blais, 1992, p. 32).

Héloïse vive numa prisão mental que consiste em inibições inconscientes. As concepções de puritanismo e ideal feminino também estiveram fortemente presentes no período pós-guerra no Quebec, pois, ironicamente, surgiu uma onda conservadora liderada por Maurice Duplessis, representando o Estado, junto à Igreja Católica. Decerto, os desígnios e a desigualdade entre mulheres e homens não foram criados pelo cristianismo; no entanto, essa

³ [...] Héloïse returned home with a letter from the Mother Superior. The letter spoke of nervous exhaustion and attacks of hysteria, grandmother Antoinette said that nuns' handwriting was always illegible, and destroyed the letter. Héloïse went up to her room and did not come down again to eat that evening, or any other evening.

⁴ Em vez de “amém”, é feito um trocadilho com a palavra em língua inglesa “a-men”.

⁵ Héloïse spoke in a voice made weak by fasting: at times she murmured, My God, My God, as though she were about to suffocate, and her grandmother, in the distance, answered A-men, A-men! And suddenly there was a moment of silence.



religião teve papel determinante nos valores culturais (Shek, 1977; Sterns, 2019). A moral cristã contribuiu para perpetuar os discursos baseados em modelos do feminino historicamente elaborado e culturalmente consolidado. A Igreja, então, usou dos seus fundamentos teológicos, dando suporte a esse processo social.

Nessa perspectiva, eram esperadas da mulher práticas e virtudes quanto à pureza, à sujeição e aos modos de comportamento. Esses limites impostos, representados pelo crucifixo pendurado na parede do aposento em que dorme, tornam-se apavorantes para Héloïse: “O crucifixo não lhe inspirava mais nada além de terror”⁶ (Blais, 1992, p. 28). A herança cultural cristã, mesmo no período atual, ainda reproduz essas concepções sobre a inferioridade da mulher e a sua subordinação ao homem. A Igreja continua, entretanto, a interferir nos direitos sexuais e reprodutivos da mulher, reprovando o aborto e o uso de métodos anticoncepcionais.

Ao carregar todo o peso que essas experiências como mulher lhe trazem, Héloïse se inquieta devido às suas frustrações. Não deseja transportar a mesma cruz que mulheres como a sua mãe conduzem. Em um mundo repleto de possibilidades de ser, elas ficaram presas às delimitações de gênero sustentadas por argumentos conflitantes, sem fundamento, implausíveis. Percebe-se que as funções que as mulheres exercem na sociedade nada tem a ver com a capacidade física ou mental, mas são determinações de convenções sociais que as colocam em posição de invisibilidade e as priva de direitos básicos, como a escolha de ter ou não filhos, por exemplo.

E se tais prisões não existissem? E se o sistema patriarcal não passasse de uma lenda urbana, o que essas mulheres poderiam ter se tornado? Certamente seriam indivíduos menos infelizes por terem o poder nas mãos de decidirem o próprio destino. Quantas mulheres deixaram e ainda deixam as suas vocações serem esquecidas porque têm que cumprir a missão de se casar, procriar e cuidar do lar? Apesar das transgressões, Héloïse não é uma exceção a essa condição, visto que ela também é levada a negar suas habilidades para trilhar o caminho designado ao feminino, como é possível observar no seguimento abaixo:

Héloïse também era talentosa, Monsieur le Curé sempre dizia. Mas não sei o que ela fez com seus dons. Ela sabia bordar quando tinha seis anos (infelizmente, não tínhamos linha em casa), e a professora disse que ela tinha um dom para desenhar. Ela costumava desenhar o dia todo no quadro-negro da escola. Mas os doze meninos do seu tio Armandin Laframboise [...] são bárbaros, eles não sabem fazer nada!⁷ (Blais, 1992, p. 104–105)

Como mulher pertencente à classe operária, a jovem encontra barreiras na sociedade pelo seu sexo e condição econômica para desenvolver seus dons. Na perspectiva histórica, as moças desde cedo aprendiam a se isolar no âmbito familiar e a executar tarefas domésticas, pois estas eram vistas como extensão da sua natureza, não seria necessário pensar: eram apenas seres monótonos e fáceis, “coisa de mulher”, como discute Silvia Federici (2019, p. 51). Assim, deveriam apenas se preocupar com questões relativas ao lar. Realizar as suas vontades individuais e ascender em uma carreira profissional foram, por muito tempo, apenas um desejo íntimo guardado como um segredo. Tudo isso acaba sendo intensificado pela falta de recursos financeiros que não proporcionam nem o tempo, nem as ferramentas necessárias para que as mulheres desempenhem a ansiada atividade.

Até mesmo a leitura é restrita aos homens, pois as mulheres que têm acesso ao conhecimento tornam-se uma ameaça para o sistema patriarcal. De acordo com Margareth Wijk (2010), a sociedade propaga a ideia de que os textos ficcionais, por exemplo, induzem a mulher a um comportamento incompatível com as regras de moralidade estabelecidas. A leitura dos romances, em maioria repleta de aventuras amorosas, instigava a imaginação e desperta nas mulheres desejos eróticos inconcebíveis, provocando, portanto, a violação das normas sociais.

⁶ The crucifix no longer inspired her with anything but terror.

⁷ Héloïse was talented too, Monsieur le Curé always said. I don’t know what she did with her gifts, though. She could embroider when she was six (unfortunately, we had no thread in the house), and the lady schoolteacher said she had a gift for drawing. She used to draw all day on the blackboard at school. But your Uncle Armandin Laframboise’s twelve boys [...] are barbarians, they don’t know how to do anything!



Notemos que, o irmão de Héloïse, Jean Le Maigre, lê e escreve poemas escondido do pai, que nem mesmo permite que haja livros em casa. Jean tenta dissimular o seu lado emocional, visto que é esperado do indivíduo masculino o vigor e a razão. Inconformado com a sensibilidade poética de Jean, o pai agride o filho, mesmo sabendo que ele é doente e fraco. Já Héloïse lê o jornal, mas nunca se interessa pelas notícias e, sim, pelas histórias de amor. É a sua avó quem leva todo sábado páginas do jornal como embrulho do sanduíche que faz para a neta, dando à jovem a oportunidade de fazer a leitura dos textos.

Verifiquemos o fragmento a seguir:

Héloïse não se permitiu ler nada além da coluna “Corações Solitários”, “O Coração Oculto”, “Os Segredos do Coração”, “As Confissões de um Coração Amoroso” — que sua avó cuidadosamente reuniu para ela [...] Que doce alegria foi para Héloïse descobrir naquela importante publicação corações traídos e corações brutalmente pisoteados que eram tão parecidos com o seu.⁸ (Blais, 1992, p. 113)

Para a avó, a leitura da neta não passa apenas de um lazer inocente, enquanto, para a sociedade, significa um perigo que deve ser evitado. As qualidades de ingenuidade, submissão e doçura se fazem importantes na performance feminina. O saber deve estar em segundo plano; a boa moça é recatada e leiga, não conhece o próprio corpo nem as letras. Conforme afirma Mary Del Priore (2014, p. 66): “Mulheres honestas que quisessem se educar corriam o risco de se tornar prostitutas ou suicidas, porque homens comuns jamais se casariam com elas — o conhecimento lhes causava ‘repugnância’”. Assim, o sistema patriarcal não perdoa a mulher, mas a pune, a vigia e a humilha, estreitando as oportunidades para que ela siga as suas vontades, para que se ajuste e se mantenha no destino prescrito pela sociedade.

Para Héloïse, a realidade em que vive é bem mais complexa do que um conjunto ordenado de regras sociais. Ela vive de aparências, disfarça aquilo que quer e sente com as máscaras que a sociedade espera que ela use. Ora vai para o convento, porque é mais um fardo em casa, espaço em que a família vive de migalhas para sobreviver à miséria. E se, para estar naquele lugar, deve seguir as suas diretrizes — entre elas a castidade —, a jovem tenta dissimular, apesar do fracasso. Já quando quer ler textos seculares, ela não demonstra, o faz sem o conhecimento de ninguém mais além da avó. E assim, ela segue a sua vida, jogando estrategicamente o jogo que a sociedade patriarcal impõe e, a cada passo dado, parece emaranhar-se ainda mais nas engrenagens do sistema social.

2. Discussão: O trabalho de Héloïse e o Corpo Feminino

Nota-se o quanto é cansativo para Héloïse ter que lidar com tal opressão, deixando-a sufocada, tendo que fingir o tempo todo, não podendo agir espontaneamente. Sua experiência como mulher em condição de pobreza, não lhe deixa opções a não ser se submeter a situações que não a agradam. Sua família necessita de víveres para a subsistência, porém a jovem não pode mais voltar ao convento, uma vez que de lá foi expulsa. É nessa ocasião que Héloïse se depara com os classificados do jornal, onde encontra algumas ofertas de trabalho. Entre os anúncios, um em particular chama a atenção da jovem: “Bons salários. Procura-se moça de 18 a 20 anos. Empregada doméstica para todo tipo de trabalho. Octavie Enbonpoint. A Taverna Pública Rose. 3 rua da Boa-Fortuna”⁹ (Blais, 1992, p. 110).

É em tal momento que Héloïse vai embora de casa, mais uma vez, só que agora para um bordel. Os prostíbulos, que têm atividades de troca de serviços sexuais por dinheiro, são uma afronta ao cristianismo. Esses lugares são vistos como sujos e indignos, proporcionando o sexo por prazer e não para fins de procriação. O pecado ali já é assegurado, pois as práticas sexuais que acontecem naquele espaço desrespeitam as diretrizes do casamento,

⁸ Héloïse allowed herself to read nothing but the *Lonely Hearts* column, *The Hidden Heart*, *The Secrets of the Heart*, *The Confessions of a Loving Heart* — which her grandmother carefully put together for her [...] What a sweet joy was for Héloïse to discover in that important publication hearts betrayed, and hearts savagely trampled on that were so very like her own.

⁹ “Good wages. Young girl 18 to 20 wanted. Maid of all work. Octavie Enbonpoint. The Public Rose Tavern. 3 rue de la Bonne-Fortune”.



estimulando a luxúria e o adultério. Neles trabalham as prostitutas, mulheres percebidas como impuras, acentuando a divisão entre quem são as moças respeitáveis e não respeitáveis (Russell, 2015; Stearns, 2019).

Madame Octavie é a dona do bordel “A Taverna Pública Rose”, onde acolhe jovens, desde aquelas que ainda brincam de boneca após o trabalho às de dezessete anos, que estão em busca de trabalho. Ela as recebe como sua própria família, protegendo-as e alimentando-as, além de não exigir delas ao menos beleza ou elegância. Até aquelas com deficiência física são bem-vindas na sua casa de prazeres, misturando-se às outras moças, o que a leva a pensar que esse seja o seu dever sagrado, uma missão caridosa. A matrona sente-se a guardiã daquelas em situação de vulnerabilidade social, que enfrentam a miséria, que querem encontrar modos de sobreviver a uma sociedade perversa. E, por tais atitudes, Madame Octavie conquista respeito na cidade e toda a admiração de Héloïse:

Mme Octavie, que era tão econômica, tão econômica certamente quanto a Madre Superiora no convento, contando seus centavos, contando suas despesas todas as noites em seu livro-razão, tremendo ao pensar em suas filhas passando fome, chocando como uma galinha mandona sobre toda aquela grande família dispersa que lhe causa tanta preocupação! Héloïse saudou cada um dos suspiros de Mme Octavie com admiração infalível. Assim como um grande navio afasta as ondas, Mme Octavie, com seus braços majestosos e ombros poderosos, afastaria as enormes dificuldades que diariamente surgiam em sua casa.¹⁰ (Blais, 1992, p. 108–109)

A Igreja, contudo, não possui a mesma estima por Madame Octavie, proibindo-a de entrar naquele local sacro. O abade Moisan tem profundo desprezo pelo seu comércio, julgando-o como um antro de promiscuidade. Não interessa ao cristianismo o quão caridosa e trabalhadora a dona do bordel pareça ser, pois sua conduta é imoral, longe da santidade esperada de uma mulher. Ela retribui os insultos questionando a ordem religiosa; acredita fazer suas obrigações, em sua labuta diária e cuidados maternos para com as jovens, e mesmo assim, por que não pode ser perdoada? Afinal, todos têm defeitos, mas para a sociedade moralista as imperfeições devem ser muito bem camufladas: famílias felizes, mulheres santas, maridos que não traem. Nesse contexto, a hipocrisia religiosa reina, visto que não são as práticas que de fato acontecem que importam e, sim, o que o indivíduo aparenta fazer.

Héloïse também para de ir à Igreja, mas continua a rezar, especialmente antes do seu serviço sexual, implorando a Deus que afaste de si os seus medos, bem como faz a sua mãe todas as noites. Mesmo que jovem, solteira e sem filhos, seu destino não é tão diferente das mulheres da sua família já que ela continua marginalizada, em uma profissão que não lhe traz poder ou ascensão, mas só a aproxima mais da margem social. Acredita que ter vários amantes a torna independente e dona de seu corpo, o que de fato é um avanço para a libertação sexual da mulher. Porém, ao mesmo tempo, ela depende dos homens para que o seu sustento financeiro exista.

O trabalho de Héloïse necessita do corpo feminino que vende a sua força de trabalho, no caso, a capacidade sexual, e da presença do masculino, que compra o direito de usá-lo por um tempo determinado. Assim, a mulher torna-se um objeto de venda, transformando o ato sexual, que pelos costumes deveria ser legitimado pelo matrimônio, em fonte de renda. Esta se coloca como forma de sobrevivência da mulher que se encontra sem outras opções empregatícias, bem como argumenta Beauvoir (2016b, p. 364): “Na verdade, em um mundo atormentado pela miséria e pela falta de trabalho, desde que se ofereça uma profissão, há quem siga; enquanto houver polícia e prostituição, haverá policiais e prostitutas”.

¹⁰ Mme Octavie, who was so thrifty, quite as thrifty certainly as Mother Superior in the convent, counting her pennies, counting down her expenses every evening in her ledger, trembling at the thought of her children going hungry, brooding like a bossy hen over the whole of that large scatted family that cause her so much worry! H greeted each of Mme Octavie’s sighs with never-failing admiration. As a great ship thrusts aside the waves, so Mme Octavie, with her majestic arms and powerful shoulders, would thrust aside the enormous difficulties that daily surged around her in her house.



No sistema patriarcal, o mundo do trabalho produtivo e respeitável é masculino, o homem deve ascender na sua profissão, obter altos cargos, pensar racionalmente, ser o grande administrador financeiro, pois ele deve ser o chefe da família, o provedor. Para as mulheres, nada resta a não ser o trabalho doméstico interminável, posições sem cunho valorativo, como a prostituição, além da invisibilidade social. Nessa dicotomia, o homem é patrão, proprietário e detentor do dinheiro, a mulher não é dona de nada, nem sequer de si mesma, numa opressão cultural e exploração social que tentam se justificar pelos princípios da “natureza” feminina, a exemplo da suposta dependência biológica da maternidade e da suposta fragilidade da mulher (Marçal, 2017; Toledo, 2003).

Dessa maneira, Héloïse cai numa armadilha social que parece não ter fim. Seu corpo é sexualizado ao extremo, sendo usado como mercadoria, servindo aos homens, numa relação de dependência, pois sem a procura masculina não há trabalho e nem fonte de renda. Torna-se um objeto, mais do que pessoa, empurrada nessa situação pelas próprias circunstâncias. Com isso, não é o conforto do lar burguês que permeia a sua realidade social, mas os infortúnios causados pela falta do básico para a subsistência, marcados por constantes funerais: “[...] tantos cadáveres negros, no inverno, crianças sempre desaparecendo, bebês que viveram apenas alguns meses”¹¹ (Blais, 1992, p. 23).

Assim, Héloïse trabalha porque precisa de meios para sobreviver na sociedade patriarcal e capitalista. — Se deixa o ofício exercido na casa de Madame Octavie, que chances ela tem em um mercado dominado por homens? O que lhe resta são mais funções sem prestígio e mal remuneradas, já que a mão-de-obra feminina é associada ao barato, oferecendo-lhe posições (quando as oferece) que não exigem nenhum nível físico e intelectual, concentrando a mulher em certos empregos e não em outros, pagando-lhes valores abaixo da média para sobreviverem (Scott, 1994).

Héloïse ocupa-se para manter com o seu próprio sustento econômico, mas também o da sua família. Continua a pensar em seu lar e, principalmente no seu irmão que está doente, Jean Le Maigre, como relata na carta enviada a sua avó Antoinette:

[...] Espero que aceite as generosas contribuições que estou enviando para as despesas hospitalares do meu pobre irmão inválido, pelo qual você me vê derramando lágrimas de desolação e compaixão. Deus sempre nos provou cruelmente, querida avó, seja corajosa, estou pensando em você...¹² (Blais, 1992, p. 110)

Contudo, apesar de tentar ajudá-lo, o frágil rapaz morre e mais um funeral acontece.

3. Conclusão

Héloïse enfrenta bravamente os desafios impostos pela sociedade, tentando incessantemente alcançar a sua liberdade e independência na condição de mulher pertencente a classe operária. Conquista um trabalho remunerado e a exploração da sua sexualidade, rompendo os códigos morais, porém continua sendo submissa às demandas masculinas. A jovem ainda se submete aos princípios religiosos, que tanto atrasam o progresso da sociedade, acreditando que sua miséria é sina e suas adversidades são provas do divino. Para Beauvoir (2016a, p. 236): “É se fazendo escrava dócil que ela também se torna uma santa abençoada”. Certamente, a jovem é mantida oprimida e explorada, encerrada na prisão da mente, onde as disposições sociais foram internalizadas, mas também mostra que as rupturas com a tradicional sociedade patriarcal são possíveis. Assim a jovem, como indivíduo histórico, está sujeita a contínuas transformações de uma sociedade em que as práticas construídas ao longo dos séculos também são transitórias.

¹¹ [...] so many black corpses, in the wintertime, children always disappearing, babies who had lived only a few months

¹² [...] I hope you will accept the generous contributions I am sending toward the hospital expenses of my poor invalid brother, for whom you see me shedding tears of desolation and sympathy. God has always tried us cruelly dear grandmother be brave I am thinking of you...



Referências

- Beauvoir, S. de. (2016a). *O segundo sexo: Fatos e mitos*. Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. de. (2016b). *O segundo sexo: A experiência vivida*. Nova Fronteira.
- Blais, M.-C. (1992). *A season in the life of Emmanuel*. McClelland and Stewart. (Original work published 1966)
- Del Priore, M. (2014). *Histórias e conversas de mulher*. Planeta.
- Federici, S. (2019). *O ponto zero da revolução: Trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. Elefante.
- Marçal, K. (2017). *O lado invisível da economia: Uma visão feminista*. Alaúde Editorial.
- Nolasco, S. (1993). *O mito da masculinidade*. Rocco.
- Perrot, M. (1998). *Mulheres públicas*. Fundação Editora da UNESP.
- Russell, B. (2015). *Casamento e moral*. Editora UNESP.
- Scott, J. W. (1994). A mulher trabalhadora. In G. Duby & M. Perrot (Eds.), *Histórias das mulheres no ocidente*. Edições Afrontamento.
- Shek, B.-Z. (1977). *Social realism in the French-Canadian novel*. Harvest House.
- Stearns, P. (2019). *História da sexualidade*. Contexto.
- Toledo, C. (2003). *Mulheres: O gênero nos une, a classe nos divide*. Instituto José e Rosa Sundermann.
- Wijk, M. (2010). *Lecture ou confiture: Parcours panoramique de l'éducation des femmes dans la littérature française*. Lunds Universitet Press.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar. **Revisão por Pares:** Aberta.



Todo o conteúdo da **NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais** é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.